



As mangueiras precoces já começam a produzir, no "Belo Sítio"

Produtor dá exemplo ao DNOCS em Livramento

Livramento de Nossa Senhora (Texto e fotos de Raimundo Marinho) — Mesmo tendo contra o projeto a aspereza do sertão e a atual seca, o comerciante e produtor Raelson Ribeiro, um dos mais bem-sucedidos da região, conseguiu transformar um pedaço de caatinga dos mais brabos, em meio ao polígono da seca, numa produ-

A TARDE

SALVADOR — SÁBIA, TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1981

municípios

Produtor dá exemplo ao DNOCS em Livramento

Livramento de Nossa Senhora (Texto e fotos de Raimundo Marinho) - Mesmo tendo contra o projeto a aspereza do sertão e a atual seca, o comerciante e produtor Raelson Ribeiro, um dos mais bem sucedidos da região, conseguiu transformar um pedaço de caatinga dos mais brabos, em meio ao "polígono da seca", numa produtiva área de 400 hectares, onde tudo que se planta dá. O local não pode ser confundido com um oásis, mas se destaca do resto da paisagem que nada deixa a dever ao cenário descrito

por Graciliano Ramos, em "Vidas Secas". Na verdade, ele tornou cultivável o chamado "Belo Sítio", até há três anos uma capoeira virgem.

De 400 hectares, 50% estão cultivados, entre lavouras propriamente ditas e pastagens, enquanto o restante é mantido como uma espécie de reserva florestal. Planta cebola, manga, feijão, milho, mandioca e principalmente alho, a planta que mais se adaptou ao solo local. No perímetro, segundo Raelson, vivem 53 famílias, totalizando 315 pessoas, que trabalham para ele na condição de meeiras e, antes do projeto, viviam expostas ao desemprego. A produção de alho já chegou a sete toneladas por hectare, quando o padrão médio regional é de quatro toneladas por hectare.

TÉCNICA JAPONESA

O produtor e proprietário das terras, Raelson Ribeiro, no seu jeito meio matreiro, meio-urbano e meio-rural, não faz segredo do sucesso da iniciativa e nem é modesto, apesar de falar pouco. Chega a admitir que a sua obra é um exemplo para as autoridades do estado e até do país. E ele tem toda razão, pois vizinho dos seus 400 hectares de terras arrasta-se, por cerca de 30 anos ou mais, um projeto com a mesma finalidade, executado pelo DNOCS, totalizando mais de cinco mil hectares e que, até hoje, não produziu sequer um grão, e as poucas famílias que conseguiu abrigar, numa área de 150 hectares, estão até passando fome.

Para o êxito do empreendimento, Raelson conta com a técnica do japonês Shigeo Sasaki, a quem, com seu espírito prático, prefere chamar mesmo é de "Seu Osvaldo". No local, além de um silo, construído dentro das mais modernas técnicas, existem áreas para escritório, alojamento para trabalhadores e oficinas para consertos de veículos e dos equipamentos agrícolas. Não precisa praticamente de nada da cidade, que fica a cerca de 10 quilômetros.

O milagre da produção foi conseguido com a captação, através de motobombas, da água do rio que passa a 600 metros de distância e sete metros abaixo do nível da propriedade, um empreendimento considerado caro e quase impossível de se fazer sem a ajuda do governo, mas que ele fez, com recursos próprios e auxiliado por empréstimos do Banco do Brasil. Seu objetivo, que muitos não acreditam quando ele revela: "acolher esse pessoal sem terra e sem água para trabalhar e que não tinha qualquer estabilidade,

vivendo do trabalho braçal em propriedades alheias, alugando sua mão-de-obra”.

CORONEL OU SOCIALISTA

Num sertão onde ainda se ouve as histórias dos coronéis, não resistimos à tentação de perguntar-lhe se ele “estava mais para o coronel, escondido em trajes moderno, ou para um socialista”. Respondeu que estava mais para a segunda assertiva. E nada existe, como ficou constatado, para não acreditar nele, embora administre o empreendimento com invejável competência capitalista.

É quase impossível de acreditar que se possa fazer aquilo em pleno sertão, sem qualquer ajuda. Indagado sobre qual a maior dificuldade enfrentada pelos produtores rurais do município, disse que era a falta de garantia de preços. Citou o exemplo do alho, que está com o mesmo preço do ano passado - Cz\$ 400,00 por arroba, o de 1ª qualidade - enquanto os custos para sua produção, principalmente os insumos, energia e mão-de-obra, elevaram-se em torno de 600%, no período. Quanto ao resto, como os aspectos técnicos e até mesmo a falta de água, seria facilmente contornado, desde que houvesse o que atualmente mais falta: o interesse do poder público para com a questão.

Raelson Ribeiro também concorda com a opinião já externada por outras pessoas que conhecem o município, que Livramento de Nossa Senhora poderia ser transformado num grande pólo de produção de alimentos, inclusive para a exportação para outros estados bastando apenas que o governo se interessasse por isso, resolvendo o problema da falta d'água, com projetos de irrigação, melhorando sua distribuição e investindo adequadamente na área.

E nem é preciso mais argumentos, basta ver o exemplo da sua iniciativa, que se dá, inclusive, ao luxo de manter uma escola para os filhos dos meeiros. Sua próxima meta, já anunciou, é, além de aperfeiçoar e ampliar os equipamentos existentes, construir uma igreja, para atender a uma das mais fortes características dos habitantes da região que é a fé em Deus, mantida “nas águas” ou nos rigores da seca. (*A Tarde* – 25.08.1987)